



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

ALISSON CLAUBER MENDES DE ALENCAR

A IMPORTÂNCIA DA CATEGORIA PAISAGEM NA GEOGRAFIA ESCOLAR: uma
análise fenomenológica das paisagens urbanas da cidade de Campina Grande – PB.

Campina Grande – PB

2012

ALISSON CLAUBER MENDES DE ALENCAR

A IMPORTÂNCIA DA CATEGORIA PAISAGEM NA GEOGRAFIA ESCOLAR:
uma análise fenomenológica das paisagens urbanas da cidade de Campina Grande – PB.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

ORIENTADOR PROFº.: ESP. DANIEL CAMPOS MARTINS

Campina Grande – PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

A368i Alencar, Alisson Clauber Mendes de.

A importância da categoria paisagem na geografia escolar [manuscrito]: uma análise fenomenológica das paisagens urbanas da cidade de Campina Grande – PB/Alisson Clauber Mendes de Alencar. – 2012.

49 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Esp. Daniel Campos Martins, Departamento de Geografia”.

1. Ensino da Geografia. 2. Paisagem Geográfica. 3. Fenomenologia I.
Título.

21. ed. CDD 372.891

ALISSON CLAUBER MENDES DE ALENCAR

A IMPORTÂNCIA DA CATEGORIA PAISAGEM NA GEOGRAFIA ESCOLAR:

Uma análise fenomenológica das paisagens urbanas da cidade de Campina Grande – PB.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em Geografia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito para a obtenção do Grau
de Licenciado em Geografia.

Aprovada em 03/12/2012.



Prof. Esp. DANIEL CAMPOS MARTINS / UEPB

Orientador



Profª Ms. SUELLEN SILVA PEREIRA / UFCG

Examinadora



Profª Ms. MARLENE MACÁRIO DE OLIVEIRA / UEPB

Examinadora

AGRADECIMENTOS

A minha **avó** e ao meu **pai**, amáveis, adoráveis, meigos, serenos, pacientes, para descrever as características de vocês o que não faltam são adjetivos. ZILMA BARROS DE ALENCAR e CLEYSON FERNANDES DE ALENCAR, muito obrigado!

Ao meu **filho** e a minha **esposa**, a quem tento direcionar todos os meus esforços. O que seria de mim sem vocês?! Por vocês é que tento manter a cabeça no lugar, pensar antes de agir. Minhas paisagens preferidas, não me canso de olhar, de observar, de contemplar, de admirar. ALEXSANDRA DO NASCIMENTO ANDRADE DE ALENCAR e ANTHONY SYMON ANDRADE DE ALENCAR, muito obrigado!

A minha **tia**, CRISTIANE DE ALENCAR, e aos meus **tios**, CLEYTON DE ALENCAR e CLAÚDIO DE ALENCAR, pelos ensinamentos, muito obrigado!

A minha **mãe** MARLENE MENDES SILVA e as minhas **irmãs** ANA PAULA e AMANDA, muito obrigado!

Aos meus **primos/irmãos** que nas suas loucuras sensatas me instigaram a ser um sensato louco. VALMIR, JONATHAN, ERYSTON, JAN, JOEL, HERBERT, JÓ, PATRICK, KELSON e ELVYSTON, muito obrigado!

Aos **meus amigos, amigas, parceiros e parceiras, companheiros e companheiras** da Geografia, tenho certeza que vocês se enquadram nestas categorias. Da minha turma em especial: Hosana “maga”, Anderson, Andreilino, Luíz Gustavo, David, Élide, Giuseppe, Matusiana, Clemilda, Edilma, Albaniza, Jane, Nazaré, Cleandro, Daniel, Sérgio, Robert, Rômulo, Antônio, Germana, Wendemberg, Dhaianny, Maciel. Muito, mas muito obrigado!

E aos meus amigos, amigas, parceiros e parceiras, companheiros e companheiras da Geografia que fui conhecendo ao longo destes cinco anos: Zenis, David, Jessé, Jéssica, Caline, Ana Cláudia, Jackson, Vivi, Verônica, Taiana, Suélio, Renata, Rosane, Rodrigo, Emídio, Valdir, Rannedyson, Ozana, Izabele, Luíz Arthur, Josué, Rose, Armando, Mara, Caio, Débora, Luan, Joseph, Adriano, Mística, Dari, Ester, Genira, Evangelista, Érika's, Eva, Crisólogo, Célia, Gleyston, Luís Carlos, Vânia, Norival, Alan, Williton, Alisson Batista, Gicomelli, Cardoso, Rayane, Emanuel, Nailson, Jório, Herculano. Espero não ter esquecido de ninguém, a vocês, muito obrigado!

Aos **professores** que contribuíram para minha formação acadêmica: Cristiane Nepomuceno, Hermes, Luíz Gustavo, Jomar, Luziana, Anselmo, Marlene Macário, Suellen Silva, Aldo, Penha, Antônio Carlos, Hélio, Graça, Lédiam, Porto, Alexandre, Lincoln,

Faustino, Arthur Tavares, Antônio Albuquerque, Agnaldo, Marília, Roberta, João Damasceno, Ozéas, Edilson, Margarida, Nadja, Neusânia, Kelly, Erick, Jackeline, Angelina, a vocês, muito obrigado!

Ao **professor e orientador DANIEL CAMPOS MARTINS**, pelo empenho, pelo auxílio, pelas sugestões, e acima de tudo por ter aceitado este desafio, a você meus sinceros agradecimentos, minhas humildes desculpas, caso não tenha correspondido às expectativas, e muito obrigado!

As **professoras** que aceitaram participar **da banca de avaliação, MARLENE MACÁRIO DE OLIVEIRA e SUELLEN SILVA PEREIRA**, saibam que muito do que aqui está materializado surgiu de reflexões e discussões das/nas disciplinas que vocês ministraram, muito obrigado!

A **DEUS**, POR TER COLOCADO EM MINHA VIDA PESSOAS COM QUEM TANTO PUDE APRENDER. AO SENHOR, MUITO OBRIGADO ...

In Memoriam, a meu **irmão**, ALBERTO CLESSMAN MENDES DE ALENCAR (BETO), **minha tia**, JOSÉLIA PEREIRA DA SILVA (LIA) e ao **meu tio**, JOSEMAR VALMIR DA SILVA (NENÉM), sei que onde estiverem, estão, também, olhando por mim, muito obrigado!

“Quando percebo, não penso o mundo, ele organiza-se diante de mim.”

Maurice Merleau-Ponty

RESUMO

ALENCAR, Alisson Clauber Mendes de. **A IMPORTÂNCIA DA CATEGORIA PAISAGEM NA GEOGRAFIA ESCOLAR: uma análise fenomenológica das paisagens urbanas da cidade de Campina Grande – PB.** 2012. 49f. Monografia do Curso de Licenciatura Plena em Geografia – UEPB, Campina Grande, Paraíba.

O presente trabalho investigou como a paisagem geográfica da cidade de Campina Grande – PB, utilizada como um recurso metodológico pelo professor de Geografia pode vir a promover uma aprendizagem significativa de categorias da Ciência Geográfica. Para tanto, parte-se das materializações urbanas espacializadas e especializadas que compõem o mosaico paisagístico da cidade supracitada. A partir de tais proposições, este estudo possui como objetivo norteador demonstrar a importância da categoria paisagem na Geografia Escolar, tendo como recorte espacial para exemplificações a cidade de Campina Grande. Partindo deste, tem-se como objetivos subsequentes estabelecer correlações dos elementos do passado com os do presente e do local com o global, a partir de metodologias e recursos que proporcionem uma maior aproximação da teoria com o que é vivenciado no cotidiano dos discentes. Este estudo foi estruturado a partir de uma pesquisa qualitativa e exploratória, correlacionado com uma fundamentação teórica na qual foram contempladas as perspectivas de alguns teóricos e estudiosos que abordam as seguintes questões ou temáticas: a Prática de Ensino em Geografia, a Categoria Geográfica Paisagem e o método fenomenológico. Para tanto foram utilizadas as obras de Merleau-Ponty (1999), Relph (1979), Serpa (2007), Maciel (2001), Besse (2006) e Christofolletti (1985), dentre outras não menos importantes. Defende-se, a partir destes apontamentos, o desenvolvimento de metodologias de ensino-aprendizagem que considerem, no momento de suas aplicações, o estudante como agente participativo destes procedimentos, e não apenas como um mero receptor de informações. É importante que no processo de construção do conhecimento por parte dos educandos, o professor desfrute do que faz parte do cotidiano dos mesmos, a cidade e suas múltiplas paisagens, e os estimulem a pensar e ler de forma crítica o mundo metamórfico que se materializa cotidianamente.

Palavras - chave: Paisagem, Ensino de Geografia, Percepção e Fenomenologia.

ABSTRACT

Alencar, Alisson Clauber Mendes. THE IMPORTANCE OF SCHOOL CATEGORY LANDSCAPE IN GEOGRAPHY: A phenomenological analysis of the urban landscapes of the city of Campina Grande - PB. 2012. 49f. Monograph Course Full Degree in Geography - UEPB, Campina Grande, Paraíba.

This study investigated how the geographical landscape of the city of Campina Grande - PB, used as a methodological resource for geography teacher might promote meaningful learning of categories of Geographic Science. It recognizes up of materializations and specialized urban spatialized that make up the landscape mosaic of the city above. From these propositions, this study aims to demonstrate the importance of guiding landscape category in Geography School, whose spatial area exemplifications for the city of Campina Grande. From this, one has to establish goals subsequent correlations of the elements of the past with the present and the local with the global, from methodologies and resources that provide a closer approximation of the theory with what is experienced in the daily lives of students. This study was structured from a qualitative exploratory study, correlated with a theoretical foundation in which they contemplated the prospects of some theorists and scholars that address the following questions or issues: Practice Teaching in Geography, Geographic Landscape category and method phenomenological. For this we used the works of Merleau-Ponty (1999), Relph (1979), Serpa (2007), Maciel (2001), Besse (2006) and Christofolletti (1985), among other no less important. It is argued, from these notes, the development of teaching-learning methodologies that consider at the time of their application, the student as an agent of participatory procedures, and not just as a mere receiver of information. It is important that in the process of construction of knowledge by the students, teachers enjoy that part of everyday life the same, the city and its multiple landscapes, and encourage them to think and read critically the world that materializes daily metamorphic.

Key-words: Landscape, Teaching Geography, Perception and Phenomenology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Elementos que devem ser levados em consideração no momento de análise da categoria paisagem.....	14
Figura 02: Recorte paisagístico localizado no Bairro do Catolé que expressa às múltiplas formas de utilização do solo urbe de Campina Grande.	20
Figura 03: Viaduto Elpídio de Almeida, Centro de Campina Grande.	23
Figura 04: Museu Histórico e Geográfico, Centro de Campina Grande.....	24
Figuras 05 e 06: Estrutura de ruas e casas no Bairro da Ramadinha, Zona Oeste de Campina Grande.	31
Figuras 07 e 08: Estrutura de ruas e condomínios no Bairro do Catolé, Zona Sul de Campina Grande.	32
Figura 09: Shopping Boulevard, localizado no bairro do Catolé em Campina Grande	34
Figura 10: Shopping Center Edson Diniz, localizado no Centro de Campina Grande.....	34
Figura 11: Rugosidades presentes no Centro de Campina Grande.....	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A CATEGORIA PAISAGEM COMO OBJETO DE ESTUDO NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA	13
2.1 Apontamentos epistemológicos sobre o Método Fenomenológico	16
2.2 A categoria paisagem analisada a partir do Método Fenomenológico.....	18
3 ANÁLISES DA CATEGORIA PAISAGEM NA GEOGRAFIA ESCOLAR	20
3.1 Da teoria à prática: interpretações de um conceito camaleônico	25
3.2 A importância da categoria paisagem no Ensino de Geografia.....	28
4 (RE) LEITURAS DO ENSINO DE GEOGRAFIA PELO PERCURSO DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO	35
4.1 A cidade de Campina Grande e suas múltiplas paisagens.....	36
4.2 Intencionalidades, funcionalidades e simbolismos das paisagens urbanas de Campina Grande	38
4.3 Das materializações às essências: uma análise fenomenológica da paisagem geográfica de Campina Grande	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
6 REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho discutirá a importância da análise da categoria paisagem na Ciência Geográfica e na Geografia Escolar, para um ensino eficaz e crítico dos conteúdos de Geografia, tendo como recorte espacial para exemplificações, a cidade de Campina Grande, estando esta, localizada na Mesorregião do Agreste e na Microrregião de Campina Grande, no Estado da Paraíba.

A supracitada categoria geográfica foi analisada a partir de uma abordagem fenomenológica. Esta possui, como um de seus fundamentos, a análise das essências (fatos, elementos e fenômenos), além de se caracterizar como uma abordagem que leva em consideração, para a apreensão da realidade, o espaço vivido e as diferentes perspectivas de análises espaciais que são estruturadas a partir da evolução cognitiva de cada indivíduo. Neste método o objeto de estudo (a paisagem urbe) não se caracteriza como um dado inerte e/ou neutro, possui significados e relações diretas com seu observador. Logo, torna-se necessário que o sujeito ultrapasse as percepções aparentes e as manifestações imediatas para alcançar a essência dos fenômenos, dos processos e das relações indivíduo - meio - objeto.

A cidade de Campina Grande percebida como um grande laboratório de práticas educativas, por apresentar heterogeneidades estruturais e sociais caracterizadas nas suas distintas paisagens, apresenta aos profissionais da educação geográfica características e possibilidades para o entendimento e aquisição de conteúdos, conceitos e categorias da Geografia, que, conseqüentemente, podem resultar em um conhecimento efetivo alcançado a partir da Geografia Escolar.

A partir dos apontamentos aqui proferidos, este estudo possui, como um de seus principais objetivos, demonstrar a importância da categoria paisagem no ensino da Geografia Escolar, sendo esta analisada a partir de uma abordagem fenomenológica. Porém, para que este objetivo fosse alcançado, foram utilizadas contribuições epistemológicas de teóricos e estudiosos que discutem tanto a categoria geográfica paisagem quanto a abordagem fenomenológica, além, de autores que discutem questões referentes ao ensino de Geografia, onde a título de exemplo destacam-se Merleau-Ponty (1999), Relph (1979), Serpa (2007), Maciel (2001), Besse (2006) e Christofolletti (1985).

O referido estudo surge da necessidade de um maior aprofundamento acerca do processo de ensino - aprendizagem de conceitos da ciência geográfica, pelo fato de que os

estudantes, em sua maioria, não percebem a importância e a funcionalidade a curto, médio e longo prazo dos conhecimentos que lhes são propostos no cotidiano escolar. Assim sendo, foi utilizado nesta investigação o conceito/categoria paisagem, com o intuito de se estreitar as relações entre teorias e práticas educativas voltadas para o ensino de uma Geografia Escolar que propicie conexões do conhecimento empírico do estudante, com o científico, apresentado nos livros didáticos e explicitados pelos professores.

O professor de Geografia antes de tudo é um pesquisador, e como tal ele precisa recorrer a diversificadas fontes e métodos para construir o seu conhecimento e mediá-lo a seus educandos. As práticas em sala de aula, proferidas pelos profissionais da educação geográfica, traduzem-se num conjunto de métodos e ações da vida cotidiana sendo sincronizadas por concepções/ideologias e representações, contextualizadas e materializadas nas relações sociais e com o meio circundante.

É importante destacar que, no processo de construção do conhecimento geográfico dos educandos, o professor considere o contexto de vida dos mesmos, fazendo uma ponte entre o conhecimento empírico e o científico, pois através das vivências cotidianas dos discentes os conteúdos ministrados durante as aulas de Geografia, poderão proporcionar uma melhor compreensão das estruturas que se materializam no ambiente citadino campinense.

A referida cidade oferece diversas singularidades estruturais e sociais que podem servir de instrumentos e/ou recursos metodológicos para se trabalhar conteúdos/categorias/conceitos da Geografia, cabem aos profissionais da educação geográfica, desfrutar destes atributos de alguma forma, pois, é neste espaço que são desenvolvidas as práticas econômicas, políticas, culturais, religiosas, dentre outras, que estruturam, moldam e dinamizam cotidianamente as relações dos sujeitos com os seus espaços, regiões, territórios e lugares, tendo como resultado deste processo as variedades paisagísticas no interior da cidade supracitada.

Por fim, serão apresentadas algumas inquietações referentes às análises e as formas de emprego da categoria paisagem no ensino de Geografia, além, de se discutir apontamentos que venham a propiciar uma maior interação entre o conceito e suas possíveis formas metodológicas de utilização, pois, dependendo do recurso metodológico utilizado e/ou escolhido, à compreensão do conceito, serão acrescidas influências significativas ou fatores que dificultarão seu entendimento.

2 A CATEGORIA PAISAGEM COMO OBJETO DE ESTUDO NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Para se compreender a importância da paisagem na Geografia, faz-se necessário o entendimento do que vem a ser uma categoria, sua função, utilização e conseqüentemente sua essência. Para tanto, é imprescindível que se faça um levantamento conceitual, estruturando definições e funcionalidades para que se possa ter um embasamento teórico significativo da referida terminologia, levando-se em consideração sua utilização por diversos teóricos e estudiosos em diferentes épocas.

A partir destas inquietações é primordial definir o que é uma categoria, para em seguida se discutir a paisagem geográfica em questão. Segundo Abbagnano (2007), o conceito de categoria é apresentado como sendo:

(...) qualquer noção que sirva como regra para a investigação ou para a sua expressão linguística em qualquer campo. (...) elas são consideradas determinações da realidade e, em segundo lugar, noções que servem para indagar e para compreender a própria realidade (ABBAGNANO, 2007, p. 121).

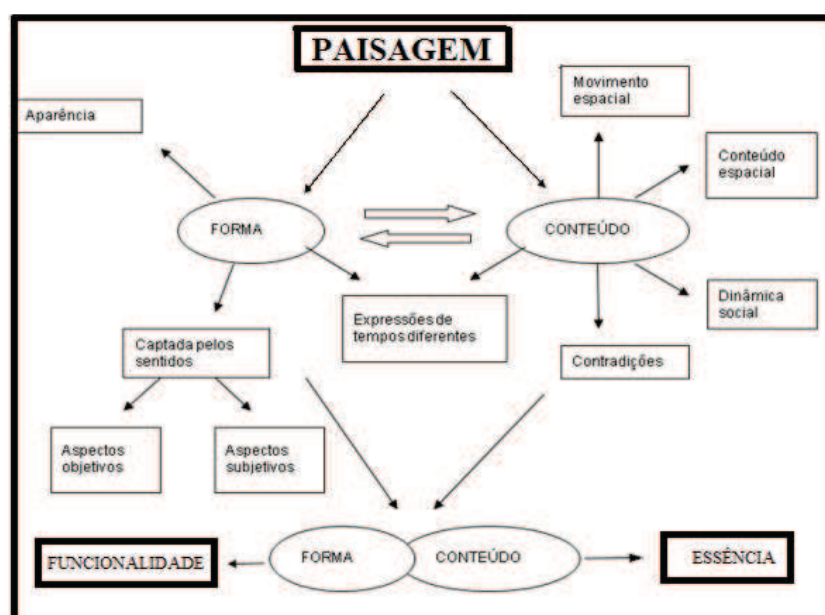
O conceito apresentado por Abbagnano (2007) estabelece condições que são essenciais para compreensão de determinado elemento ou fenômeno, pois, a partir do momento que se define uma categoria de análise para determinada situação, por conseqüência, direcionam-se intencionalmente, classes, ordens, níveis, estruturas e processos para se compreender tanto a categoria em questão, quanto a realidade que ela abrange.

Os conceitos geográficos nos são apresentadas a partir de um conjunto epistêmico de ideias, compreender suas representações é uma tarefa extremamente árdua. No que concerne às paisagens urbanas, as mesmas possuem significados próprios, logo, torna-se necessário à análise de sua essência, termo que engloba valor, condição, função, lugar, posição, forma, tempo, relação, significado e, por conseqüência, processo. Sendo que este interliga várias das situações explicitadas anteriormente.

A categoria paisagem é uma das que constituem os alicerces da Geografia, que possui como base para o desenvolvimento de estudos e pesquisas as especificidades inerentes ao Espaço Geográfico, que se caracterizam a partir da interrelação de seus conceitos estruturantes: paisagem, lugar, território, região, redes, escalas e espaço.

É sabido que o estudo da paisagem na Geografia, desde sua institucionalização como ciência, sofreu e sofre diversas inferências tanto a respeito das correntes teórico-metodológicas utilizadas quanto dos estudiosos e teóricos que as analisam. Para se compreender como devem ser proferidas as análises a respeito desta categoria da Geografia, Cavalcanti (2008) nos apresenta uma sistematização com elementos e situações que são inerentes as paisagens.

Figura 01: Elementos que devem ser levados em consideração no momento de análise da categoria paisagem.



Fonte: Cavalcanti, 2008, adaptado.

A categoria paisagem é complexa por natureza. Cavalcanti (2008, p. 52) a define como “(...) expressões técnicas, funcionais e estéticas da sociedade. São também dinâmicas e históricas, já que se trata de expressões de movimento da sociedade.” As questões que serão proferidas adiante versam sobre como apresentar e, por consequência, construir o conceito de paisagem no ambiente escolar, levando-se em consideração o espaço - tempo vivido dos estudantes.

O estudo da paisagem como elemento de análise na Geografia no decorrer do século XIX, foi se reformulando, primeiramente, por conta da evolução dos métodos de investigação das análises sócio-espaciais e, conseqüentemente, dos paradigmas, que foram sendo

reelaborados para se adaptarem as novas necessidades epistêmicas da referida ciência. Pode-se destacar que nas principais Escolas da Geografia, alemã e francesa, até a década de quarenta do século XIX, ambas comungavam de condicionantes semelhantes para expressar ou discorrer sobre o significado do conceito de paisagem, como ressalta Schier (2003)

Pode-se dizer que o conceito de paisagem foi originalmente ligado ao positivismo, na escola alemã, numa forma mais estática, onde se focalizam os fatores geográficos agrupados em unidades espaciais e, numa forma mais dinâmica, na geografia francesa, onde o caráter processual é mais importante. Ambas tratam a paisagem como uma forma material do mundo, onde se imprimam as atividades humanas (SCHIER, 2003, p. 80).

Os estudos sobre as paisagens, hoje, dependendo do tipo de enfoque apresentam-se sob duas macro perspectivas, natural (se é que podemos utilizar tal terminologia) ou cultural. De acordo com o método de apreensão, aos quais os tipos de paisagens estão sujeitas, podem ser utilizadas outras nomenclaturas que servem para diferenciar e explicitar qual paisagem ou aspecto paisagístico determinado estudo está evidenciando: ambiental/ecológico, simbólico, estrutural/estético, urbano, rural ou artificial/humanizado.

Vale ressaltar que independentemente da paisagem que esteja sendo estudada, tal categoria, como aponta Maciel (2001, p. 99) “(...) é um símbolo que necessita de permanente atualização. Como instrumento de apreensão do espaço pela Geografia ela representa uma de nossas mais ricas tradições, e também mais profundas querelas”. Pois, trata-se de uma categoria repleta de dualidades epistemológicas.

Na Geografia todas as categorias possuem irrefutável importância, tornando-se necessário o uso constante destas, juntamente entrelaçadas com seus respectivos condicionantes sociais, pois, quando não estabelecidas tais relações o estudo ou pesquisa poderá apresentar resultados que servirão a distintos ramos do conhecimento, Antropologia, Sociologia, Economia entre outros, não apresentando o cunho Geográfico necessário para que se caracterize um estudo relacionado e dirigido à referida ciência.

Os elementos epistêmicos de análises da Ciência Geográfica, conteúdos, conceitos e categorias, são manifestados e hierarquizados a partir de sua amplitude ou abrangência sócio-espacial, onde interagem agentes naturais (físicos) e sociais (humanos) em determinada fração do Espaço Geográfico, e dependendo da perspectiva de análise estes fragmentos podem receber a nomenclatura de região, território, lugar ou paisagem.

2.1 Apontamentos epistemológicos sobre o Método Fenomenológico

Faz-se necessário, nesta fase do presente estudo, uma definição mais aprofundada das terminologias Fenômeno e fenomenologia para que as críticas e compreensões que por ventura surjam, sejam sincronizadas de acordo com o que o presente estudo propõe. Para tanto, serão apresentados as perspectivas de abordagens do referido conceito, não com o intuito de engessar as interpretações e castrar a imaginação do leitor, mas para que o mesmo possa proferir suas análises e inquietações munindo-se com uma maior facilidade dos conceitos e por consequência das ideias principais que este estudo apresenta.

No que concerne ao conceito de fenômeno, Ales Bello (2006) diz que se refere a tudo aquilo que é apreendido pelos sentidos e, por consequência, pela consciência, logo, todos os elementos ou situações que são observáveis, podem ser caracterizados como fenômenos. No Dicionário de filosofia, Abbagnano (2007, p. 511) apresenta três conceitos de fenômeno “1) aparência pura e simples (ou fato puro e simples), considerada ou não como manifestação da realidade ou fato real; 2) objeto do conhecimento humano, qualificado e delimitado pela relação com o homem; 3) revelação do objeto em si.”

Para o mesmo fenômeno, quando percebido por sujeitos diferentes, serão atribuídas determinadas especificidades, pois, cada indivíduo o analisa com intencionalidades diferenciadas, e mesmo quando as intenções no momento da análise são as mesmas, os indivíduos que o analisam possuem níveis e bases cognitivas específicas, o que confere ao fenômeno uma unicidade, sendo esta propositada pela ótica interpretativa de quem o percebe. Além de possuir unicidade, no momento de análise por parte do sujeito, o fenômeno, possui uma essência, sendo esta também, outra característica primordial do mesmo.

O fenômeno, pelo fato de se caracterizar como objeto do conhecimento humano, está sujeito a múltiplas compreensões, que são direcionadas para determinados fins, e em alguns casos, estas fogem da essência do fenômeno em questão. Para que os equívocos, no momento de interpretação de determinados fenômenos sejam minimizados, faz-se necessário o uso de variadas perspectivas de análises para se chegar o mais próximo possível da real essência e/ou sentido do fenômeno.

O segundo termo que é digno de uma definição mais acurada é o de fenomenologia, palavra composta de duas partes, “fenômeno”, que como discutido anteriormente, pode ser considerado como aquilo que se mostra ou aparece, e “logia”, que é uma palavra que deriva

do grego, e para o presente estudo pode ser expressa com o significado de pensamento e/ou capacidade de refletir, assim sendo, a fenomenologia pode ser entendida de maneira simplificada, como sendo a capacidade e ação de refletir sobre aquilo que se mostra, ou seja, o fenômeno. A fenomenologia possibilita ao pesquisador compreender o sentido dos fenômenos, sua essência. Merleau-Ponty (1999) nos apresenta a seguinte definição de fenomenologia

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade". (MERLEAU-PONTY, 1999, p.5).

A fenomenologia nos direciona para múltiplas concepções, porém, uma das mais significativas ressalta que para uma compreensão da essência do fenômeno é necessário se levar em consideração os sujeitos/indivíduos/grupos sociais e o espaço no qual este fenômeno se efetiva, além de se estabelecer um recorte temporal, pois, certos fenômenos apresentam-se restritos no tempo e no espaço.

Os estudiosos e/ou teóricos que se dedicam (dedicaram) sobre a epistemologia da fenomenologia utilizaram-se de variadas metodologias para se chegar à essência do fenômeno ou fato percebido, reduzem-no, transcendem-no e o abstraem para se chegar ao seu sentido essencial, pois, como aponta Ales Bello (2006, p. 23) "(...) existem os fatos? Certamente existem. Mas não nos interessa os fatos enquanto fatos, interessamo-nos pelo sentido deles". Contextualizando a referida citação, de acordo com a perspectiva deste estudo, expressa-se que, para cada elemento e ou fenômeno percebido na paisagem urbe de Campina Grande, aos mesmos são acrescidos sentidos, ou como aponta Santos (1988) forma, função, estrutura, processo, e porque não, também, intencionalidades.

Analisar a paisagem geográfica requer um intenso processo de interpretação, pautado a partir de observações e perspectivas variadas que direcionem a atenção do observador para a real intencionalidade material, subjetiva e simbólica de tal fragmento socioespacial. Entretanto, torna-se necessário compreender que tal categoria pode ser abordada sob diversos aspectos, fato este que corrobora para uma ampla discussão, que por consequência, gera novas perspectivas epistemológicas de análise, sendo a abordagem fenomenológica uma destas.

2.2 A categoria paisagem analisada a partir do Método Fenomenológico

É sabido que, desde a institucionalização da Geografia enquanto Ciência, as categorias epistemológicas de tal ramo do conhecimento passaram e ainda passam por processos de (r) evoluções, além de serem compreendidas a partir de inferências estruturadas de acordo com variadas concepções, sendo estas, neste estudo, designadas de correntes teórico-metodológicas de investigação. Dentre estas se podem destacar o Materialismo Histórico Dialético (Karl Max), o Positivismo (Augusto Comte) e a Fenomenologia (Husserl). Tendo neste último as bases estruturantes deste trabalho.

A categoria paisagem percebida e analisada a partir do método fenomenológico propicia aos indivíduos um ver diferenciado, pautado não somente no que é apresentado, visível, porém, insita os mesmos a ultrapassarem as materializações, vislumbrando uma aproximação da real intencionalidade inerente às paisagens. Partindo de tal apontamento, Merleau-Ponty (1999, p. 14) ressalta que “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; estou aberto ao mundo comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável”. Para tanto, o observador deve está livre de preconceitos no momento do processo interpretativo, pois, a percepção eivada do cunho fenomenológico direciona o indivíduo para a essência significativa, simbólica, intencional ou funcional do elemento percebido, do fenômeno.

Contudo, é necessário que no momento da análise de determinado recorte paisagístico, o sujeito esteja atento para os processos temporais que resultaram na configuração do mesmo. Além, de analisar também os grupos sociais e as intenções destes em estruturar desta ou daquela forma a paisagem vivificada por eles.

A paisagem resulta sempre de um processo de acumulação, mas é, ao mesmo tempo, contínua no espaço e no tempo, é uma sem ser totalizante, é compósita, pois resulta sempre de uma mistura, um mosaico de tempos e objetos datados. A paisagem pressupõe também um conjunto de formas e funções em constante transformação, seus aspectos “visíveis”, mas, por outro lado, as formas e as funções indicam a estrutura espacial, que é, em princípio, “invisível” e resulta sempre do casamento da paisagem com a sociedade. (SERPA, 2007, p. 15).

O sujeito observador da paisagem imprime sobre ela suas intenções, e que dependendo da sua capacidade de abstração, o mesmo pode fragmentá-la, para a realização de uma análise aprofundada das informações que são inerentes a esta, debruçando-se sobre suas materializações e subjetividades e/ou sobre seus aspectos visíveis e invisíveis. Assim, munido-se de uma percepção crítica, o indivíduo tem por função analisar cada paisagem a partir de sua aparência, garimpando possibilidades, de acordo com suas habilidades cognitivas, para se chegar à essência de tal fragmento espaço-social.

O estudo das paisagens geográficas apresenta complexidades que são inerentes às mesmas, logo para que haja uma compreensão significativa, torna-se importante para sua interpretação a utilização de mecanismos que possam abstrair suas especificidades, ou seja, métodos de investigação que propiciem a análise de sua essência. Schier (2003) expressa que

(...) não existe uma geografia que sirva ao estudo, em todos os níveis, da paisagem. Pois sua complexidade torna impossível qualquer análise geográfica sob a luz de uma única abordagem. Assim, toma-se então que o olhar a partir de uma determinada abordagem constrói um filtro que ressalta o que essa abordagem propõe, e a paisagem, seja física ou cultural, exige uma filtragem mais ampla que, algumas vezes, foge até mesmo das questões geográficas mais clássicas, necessitando uma filtragem científica, cultural, filosófica, política, entre outras, mostrando um caráter multidisciplinar no seu estudo. (SCHIER, 2003, p. 85).

Para cada intencionalidade apresentada pelo observador surge um método de análise específico que se adéqua a tal investigação, além de servir de caminho para os possíveis direcionamentos. Ainda, de acordo com Schier (ibidem, p. 85), este autor discorre que “(...) a paisagem deve ser encarada não apenas como um objeto de estudo, refletido e interpretado intelectualmente, mas como uma forma de vivência na sua plena positividade do cotidiano das pessoas, (...)” Para se compreender a paisagem é necessário vivenciá-la, percebê-la nas suas especificidades, favorecendo uma interpretação pautada a partir de suas complexidades e buscando por excelência sua essência.

3 ANÁLISES DA CATEGORIA PAISAGEM NA GEOGRAFIA ESCOLAR

Toda e qualquer forma de conhecimento evolui ou a estas são acrescentadas novas perspectivas de abordagem. Partindo-se desta premissa, tem-se por intuito com este estudo, discorrer sobre algumas possibilidades no tocante à análise e utilização da categoria geográfica paisagem na Geografia Escolar.

O presente trabalho destaca a importância desta categoria e exhibe como recorte espacial, a cidade de Campina Grande, que, por possuir uma estrutura urbana extremamente diversificada, proporciona aos profissionais da educação geográfica, no momento de sua práxis educativa, múltiplas conexões entre os conteúdos apresentados e discutidos em sala de aula com os tipos de configurações paisagísticas materializadas no interior da referida cidade.

O recorte paisagístico representado na Figura 02 apresenta elementos que são inerentes a dois ambientes, o urbano e o rural. Os condomínios verticais, a plantação de milho, o *outdoor*, a “carroça de burro” e o automóvel mesclam-se no mesmo cenário. Os tipos de organizações estruturais e as formas de utilização do solo urbe são as mais variadas possíveis, tal fato corrobora para múltiplas funcionalidades, que partem de ações intencionais dos indivíduos ou grupos sociais que modelam o espaço e por consequência a paisagem citadina de Campina Grande.

Figura 02: Recorte paisagístico localizado no Bairro do Catolé.



Fonte: Alisson Clauber M. de Alencar, 2012.

No momento da análise de qualquer que seja o recorte paisagístico, é necessário se partir de indagações, de porquês? Por que esta configuração, tamanho, cor ou lugar? E outro desafio quando parte-se para o ramo da educação é, como instigar os discentes a analisarem as estruturas que se materializam na cidade, a fim de se entender as especificidades, intencionalidades e essência destas?

Este recorte paisagístico é apenas um dos muitos existentes no interior da cidade, porém, como cada imagem remete e apresenta intenções das mais variadas, fez-se opção desta para se estabelecer comparações entre as formas de utilização do solo citadino campinense. Entretanto, como estabelecer conexão entre o recorte paisagístico (imagem) e os conteúdos, conceito e categorias da Geografia? Este é outro desafio para o professor de Geografia.

É notória a falta de sincronicidade do profissional da Ciência Geográfica em relação aos discentes e aos conteúdos, quando não se apresenta com clareza o conceito e/ou categoria, pois, estes são elementos de extrema importância para a compreensão das informações existentes e constituintes do espaço geográfico.

Torna-se necessário, no momento da transposição didática, uma clareza conceitual, munida de múltiplos recursos, para que os estudantes possam ter autonomia nas posteriores interpretações e compreensões dos diversos níveis hierárquicos que constituem o arcabouço epistemológico da Geografia: Espaço, Região, Território, Lugar e Paisagem, sendo que será com esta última categoria de análise as preocupações maiores deste estudo. No que tange as supracitadas afirmações Puntel (2007) destaca que

(...) a paisagem, enquanto objeto de estudo, foi evoluindo, já que o método de análise e os paradigmas foram sendo revistos. Por fim, aborda-se a necessidade de (re) significar o estudo da paisagem na Geografia Escolar, a fim de que ela se torne significativa para aqueles que a constroem e que nela vivem. (PUNTEL, p. 283, 2007).

Não diferentemente das demais categorias da Ciência Geográfica, a paisagem no decorrer das décadas foi se adequando as novas perspectivas de apreensão e compreensão da realidade socioespacial, pois, a própria Geografia sofreu e ainda sofre inferências e adaptações no que concernem as suas estruturas basilares, conceitos e categorias. A referida ciência evolui e seus diversos ramos também evoluem num processo constante de renovação. Logo, torna-se indispensável à organização de metodologias que venham a satisfazer as novas abordagens que emergem com estes processos.

Para tanto, deve-se promover estes novos direcionamentos pautados a partir de práticas que envolvam os sujeitos que compõem o processo de ensino - aprendizagem, docentes e discentes. Além, de se vislumbrarem possibilidades que se adéquem as necessidades daqueles. Assim sendo, vê-se no estudo da categoria paisagem a possibilidade para a concretização desta meta. Como afirma Schier (2003)

(...) o estudo da paisagem exige um enfoque, do qual se pretende fazer uma avaliação definindo o conjunto dos elementos envolvidos, a escala a ser considerada e a temporalidade na paisagem. Enfim, trata-se da apresentação do objeto em seu contexto geográfico e histórico, levando em conta a configuração social e os processos naturais e humanos (p. 80).

A paisagem precisa ser percebida e interpretada como um processo, no qual se devem levar em consideração os fenômenos naturais, culturais e artificiais que formam um conjunto indissociável marcado por singularidades estruturais, pois, a inter-relação dos mesmos corrobora para uma configuração paisagística única que é dotada de acumulações, intencionalidades e funcionalidades. Schier (ibidem, p. 81) ressalta que “(...) diferentes grupos culturais percebem e interpretam a paisagem, construindo os seus marcos e significados nela. Nesta perspectiva, a paisagem é a realização e materialização de ideias dentro de determinados sistemas de significação”.

A Figura 03, o Viaduto Elpídio de Almeida, construída com a finalidade de melhorar a circulação de veículos naquele setor da cidade, possui, também, um caráter político e simbólico, sua funcionalidade é constantemente questionada pelos cidadãos campinenses, porém, a materialização deste monumento foi projetada intencionalmente, e localiza-se num ponto estratégico da cidade, o que confere a obra significativa visibilidade.

Com o crescente aumento da população, e da frota de veículos, a cidade reorganiza-se, abrem-se avenidas e asfaltam-se ruas, para o atendimento a estas tendências urbanas, os lugares recebem novos contornos, e como afirma Tuan (1980) é necessário se estabelecer elos entre os sujeitos e os lugares, para que estes sejam compreendidos em sua plenitude. Porém, no que concernem as paisagens, os indivíduos e grupos sociais as compreendem de modo singular e tal fato corrobora para variadas formas de percepção dos elementos materializados no ambiente citadino de Campina Grande.

Figura 03: Viaduto Elpídio de Almeida, Centro de Campina Grande.



Fonte: Alisson Clauber M. de Alencar, 2012.

Esta “onda inovadora” e funcional que invade a cidade proporciona ressignificações as estruturas que conseguiram resistir no decorrer das décadas as transformações urbes da cidade. Um exemplo clássico em Campina é o Museu Histórico e Geográfico, Figura 04, que inicialmente foi uma cadeia, depois se instalou naquele prédio a Estação Telegráfica/Telefônica, e nos dias atuais funciona o museu. Estes dois monumentos simbólicos, são marcos de épocas distintas, e servem por excelência, para expressar o quão rico de funcionalidades e intencionalidades os elementos citadinos estão carregados.

As paisagens interligam-se e modificam-se incessantemente, ou seja, estão constantemente inseridas num processo metamórfico. Para cada nova tendência estrutural urbana, as paisagens dos lugares adéquam-se as novas facetas e as novas necessidades dos grupos sociais, logo, tal característica confere as paisagens características camaleônicas. A partir de tais apontamentos, as paisagens geográficas devem ser analisadas não como elementos estáveis, imóveis, e sim como processos, nos quais os sujeitos às transformam de forma gradual ou imediata com o passar do tempo. E, o que determinará suas formas serão os padrões estéticos, de maior evidência, na época de sua construção.

Figura 04: Museu Histórico e Geográfico, Centro de Campina Grande.



Fonte: Alisson Claubert M. de Alencar, 2012.

Marcam-se e se expressam a partir das paisagens as transformações estruturantes que compõem o cenário urbano das cidades brasileiras, sendo que cada uma destas implementarão modificações que venham a satisfazer as necessidades dos grupos de indivíduos que as vivificam. Logo é fundamental, que no processo educativo, os estudantes se apropriem o quanto antes dos conhecimentos e interpretações oriundos das análises das paisagens, para que possam aprender a ler o mundo munindo-se do que é inerente a ele (mundo), as paisagens naturais e/ou humanizadas, podendo assim entender a complexidade dos processos sociais, políticos, econômicos, culturais e tantos outros que são os alicerces do mundo vivido e percebido.

As paisagens (naturais, sociais, culturais, históricas) são apreendidas de diversas formas através de nossos sentidos. Tuan (1983) aponta que estas, surgem aos nossos olhos com diferentes formas, cores, isolada ou em conjunto, possuindo sons agudos, graves, alto, baixo dentre outros ruídos, apresentando odores, perfumes, mau cheiro ou inodora e podem ser apreendida também pelas sensações térmicas e pelo tato, sendo fria, quente, agradável, áspera, lisa, rugosa, macia, dura ou mole.

Sendo que cada percepção ou sensação varia de indivíduo para indivíduo pelo fato de cada pessoa possuir uma capacidade de interpretação e de cognição singular. Relph (1979, p. 15) discorre que “(...) cada paisagem tem seu próprio conjunto e contém significados específicos para nós em termos das nossas atitudes para com ela.” Cada sujeito apresentará especificidades no momento de interpretação de uma mesma paisagem, as intenções são múltiplas.

3.1 Da teoria à prática: interpretações de um conceito camaleônico

Para que o processo do desenvolvimento cognitivo dos estudantes receba uma funcionalidade propositalmente voltada para a compreensão do espaço vivido, torna-se necessário que os mesmos sejam estimulados a organizar, analisar, abstrair, observar, classificar, reconstruir e interpretar, além de estabelecer relações dos conteúdos, conceitos e categorias da Ciência Geográfica com o meio ambiente vivificado cotidianamente, ou seja, é necessário que se incite o sujeito a olhar o mundo a partir de um caleidoscópio repleto de hipóteses e frestas para compreensões deste.

Os conceitos devem ser trabalhados a partir de exemplificações que possibilitem sua compreensão plena, Lisboa (2007, p. 31) aponta que “A aprendizagem e assimilação dos conteúdos geográficos escolares passam pela identificação da presença dos conceitos no interior do assunto discutido e estudado e pela sua compreensão”. Vem a ser necessário que os docentes tentem aproximar a partir do uso de metodologias e recursos apropriados, as categorias aos conteúdos de ensino da Geografia, para que os discentes compreendam com maior facilidade o que estão estudando.

Vale ressaltar que o estudo dos conceitos na Geografia devem se caracterizar como um meio para determinado fim e não se esgotar em um fim de si mesmo, ou seja, o conceito é a ponte que estreita o caminho para compreensão de determinado conteúdo, a sua análise fora de um contexto no qual ele possa ser empregado, pode ser considerada um equívoco por parte dos docentes, pois, na óptica dos sujeitos para quem este conceito se direciona (estudantes), aquele (conceito) por excelência deve possuir funcionalidades, sendo estas, materializada na relação entre as teorias e uma forma prática de utilizar o conhecimento advindo destas.

Os conceitos e categorias da Geografia só são assimilados e adquirem um significado efetivo quando relacionados às vivências dos indivíduos. Para tanto, deve-se atribuir

funcionalidades aos conceitos, pois quando a estes são atribuídos sentidos que transpassam o da teoria, o discente o compreende de uma maneira diferenciada, pois, agora a teoria passa a ter um fim prático, converte-se em conhecimento para com o mundo vivido.

Moreira (2011, p. 105) ressalta que “A geografia é uma forma de leitura do mundo. A educação escolar é um processo no qual o professor e seu aluno se relacionam com o mundo através das relações que travam entre si na escola e das ideias.” Assim sendo, o ensino de Geografia deve ser estruturado a partir de debates de ideias, de conceitos e de categorias, porém, partindo-se constantemente da realidade socioespacial vivificada no cotidiano de professores e estudantes.

Para que o estudante perceba o valor de sua interpretação e compreensão na análise das paisagens, é necessário que se instigue o mesmo a proferir análises a partir de suas vivências, além de apresentar diferentes concepções teóricas, tendo por intuito mostrar que não existe uma única forma de representar o mesmo objeto, a mesma paisagem geográfica. É mister, a busca por ideias que proporcionem a interação dos assuntos estudados com os elementos que façam parte do cotidiano dos discentes. Formas que deem sustentação para uma efetiva aprendizagem baseada em exemplos práticos, e o mais importante munido-se de fatos e fenômenos que são inerentes aos sujeitos para quem são direcionados estes exercícios.

Tais metodologias podem ser contextualizadas a partir de práticas pedagógicas voltadas para vida cotidiana dos estudantes, mesclada com a inter-relação de saberes, interdisciplinares e transversais. Pontuschka *et al* (2007, p. 132) discorrem que “A geografia (...), traz conhecimentos que podem contribuir para os temas transversais, tais como pluralidade cultural, ambiente, saúde, temas locais, mais certamente tem o que contribuir para outros temas, conforme o planejamento das escolas (...).” Para tanto, os profissionais da educação devem estreitar o abismo existente no âmbito escolar, entre as disciplinas, ramos do conhecimento.

O uso da Ciência Geográfica vinculada a outras áreas do conhecimento pode possibilitar ações que possam servir como base nas explicações para ambas às disciplinas (ciências) envolvidas neste processo, ou seja, relacionam-se metodologias que venham a ser utilizadas em um tema/conteúdo específico para uma finalidade maior, a transposição didática para os discentes. Segundo Castellar; Vilhena (2009) torna-se necessário esclarecer que

(...) o que está em jogo não é só o tipo de informação, mas a maneira como é desenvolvida em sala de aula. (...) informações soltas não tem nenhum valor pedagógico; no entanto, quando inseridas em um contexto, poderão contribuir para ampliar os interesses dos alunos. (CASTELLAR; VILHENA, 2009, p.140).

Muitos dos exemplos dos conceitos da Geografia iniciam-se a partir do que está expresso nos livros didáticos. É sabido, que este apresenta aspectos pedagógicos, culturais, econômicos, políticos e sociais. Porém, uma das grandes preocupações na atualidade é como os conteúdos estão sendo selecionados e ainda mediados aos estudantes, pois, pela acessibilidade a este recurso, o mesmo pode ser considerado, também, como o principal influenciador das interpretações que são transmitidas em sala de aula, pelo fato dos profissionais da educação não recorrerem, na maioria dos casos, a outras fontes de pesquisa.

Tal fato é preocupante, já que, a partir do momento que se toma o livro didático como a única fonte de pesquisa, influenciam-se as explicações de certos conteúdos de acordo com as intenções do autor e do agente que o representa. O ideal é que se confrontem ideias de autores, juntamente com as compreensões dos discentes, sendo estas mediadas e não influenciadas pelo professor.

Os livros didáticos de geografia apresentam, hoje, temas que são oriundos dos interesses sociais, este aspecto aponta para múltiplas perspectivas de abordagens de temas como: religião, globalização, terrorismo, violência, degradação ambiental, dentre outros não menos importante. Mas de nada adianta inovar com conteúdos atuais nos livros, se a didática praticada for tradicionalista e mecanicista, proferida sem criticidade. Porém, o *modus operandi* de como são discutidos é que deve ser carregado de significados por parte daqueles a quem se dirigem esses conteúdos, discentes e docentes.

Faz-se necessário, segundo Boligian (2010), estabelecer conexões destes temas oriundos da realidade socioespacial e expressos nos livros didáticos, com suas influências nas transformações dos lugares e das paisagens vivificadas e frequentadas no interior da cidade, pelos sujeitos envolvidos no processo de ensino - aprendizagem.

É preciso que o professor propicie ao estudante através de um conhecimento científico funcional, oportunidades de vivenciar o cotidiano e as paisagens que o cercam como fonte de aprendizagem, pois de acordo com Schier (2003, p. 85) “(...) em muitos casos, a paisagem deve ser encarada não apenas como um objeto de estudo, refletido e interpretado intelectualmente, mas como uma forma de vivência na sua plena positividade do cotidiano das pessoas, (...)”. A paisagem citadina ou campesina, pode e deve ser analisada como um

elemento que estreite o abismo existente entre um conhecimento teórico e uma forma de aplicabilidade deste.

Evidencia-se na atualidade a existência de diversas interpretações no que tange as bases epistêmicas sobre o conceito de paisagem, porém, discutir e interpretar esta variedade conceitual e suas especificidades, na esfera da Ciência Geográfica, representa um amplo desafio para aqueles que se submetem a compreender, analisar e interpretar as paisagens, sejam elas físicas/naturais ou humanas/culturais.

Defende-se a partir destes apontamentos, a proposta de que se torna mais viável, nos dias que se seguem, valorizar as percepções a partir de metodologias de ensino que favoreçam a análise das paisagens e que sejam voltadas para a inclusão dos estudantes, no processo de formação de conceitos da Ciência Geográfica. O aprendizado pela ação e participação, constitui-se como um dos alicerces e desafios do processo educativo. É importante que se estimule os discentes a, saber pensar e ler de forma crítica o mundo metamórfico que se materializa cotidianamente.

Estes questionamentos e/ou provocações encontram subsídios numa preocupação prévia do professor, em especial o de geografia, em tomar o estudante como agente participativo no processo de aprendizagem e não apenas como um mero receptor passivo de informações, para tanto, é importante que no processo de construção do conhecimento por parte dos educandos, o professor se utilize do que faz parte do cotidiano dos mesmos, estabelecendo conexões entre o conhecimento teórico e o empírico.

3.2 A importância da categoria paisagem no Ensino de Geografia

A pesquisa e a análise de recursos e métodos constituem-se como um dos fundamentos essenciais para se promover uma aula diferenciada de geografia, porém, para que isso ocorra é necessário que o professor, geógrafo, e pesquisador por excelência, recorra a múltiplas fontes e métodos para construir o seu conhecimento e mediá-lo a seus educandos. Segundo Passini (2007, p. 41) “O professor profissional precisa ter a habilidade de ler, compreender e analisar, para incorporar as teorias e metodologias na sua auto-formação continuada.” A partir dessa perspectiva o professor de geografia, pode munir-se desde o livro didático, sala de aula, escola, quarteirão, bairro e até mesmo a cidade para incorporar aos seus recursos

metodológicos e instigar o estudante a elaborar estratégias para um fazer-pensar geográfico reflexivo.

O papel do professor de Geografia no processo educativo é o de mediador de informações, fomentador e principalmente o propiciador de análises significativas da realidade socioespacial. Se este profissional souber promover um processo de ensino-aprendizagem incitando seus educandos à pesquisa e a compreensão do ambiente vivificado, apresentando funcionalidades para as teorias, as aulas podem ganhar direcionamentos expressivos, de um modo positivo e sair do patamar de tradicionalistas e maçantes, para dinâmicas e proveitosas.

A partir do momento que se procura compreender as relações entre os indivíduos ou grupos sociais com o meio ambiente em que vivem, deve-se também, levar em consideração que estas relações assumem variadas configurações ao longo do tempo de acordo com a conjuntura do conhecimento que, como ressaltado por Carlos (2002, p. 162), “(...) é cumulativo (histórico), social (dinâmico), relativo e desigual, ao mesmo tempo contínuo/descontínuo”.

A geografia, como as demais disciplinas escolares, possui suas especificidades, ou seja, seus ramos do conhecimento por assim dizer. Esta é uma ciência que pode enveredar por múltiplos campos do saber, tendo seus principais tentáculos de interpretações voltados para análises físicas (da natureza) ou humanas (da sociedade).

Ao estudar o espaço geográfico cada sujeito possui uma intencionalidade. Existem estudiosos (geógrafos), por exemplo, que consideram a geografia uma ciência essencialmente social. No entanto, para outros, ela seria uma ciência da natureza. Há outros, ainda, que veem nas relações da sociedade (sujeitos) com a natureza (meio) o seu objeto de estudo. Porém, para cada compartimentação de conteúdos, sejam eles direcionados com uma maior ênfase para análises sociais ou da natureza, existem também, conteúdos específicos de interpretação da realidade.

É aparentemente perceptível a utilização de dicotomias quando se abordam determinados conteúdos nos ensinamentos fundamental e médio, onde podem-se citar como exemplos: Sociedade X Natureza, Capitalismo X Socialismo, Campo X Cidade, Rural X Urbano, dentre outros, porém, fazer com que o estudante de Geografia rompa com estas concepções é de extrema necessidade, pois os fenômenos devem ser analisados, como ditos anteriormente, sob múltiplas perspectivas para se chegar o mais próximo de sua essência.

É notória ainda a falta de aproximação da escola e dos conteúdos (em especial os geográficos) com a vida cotidiana dos estudantes. As instituições de ensino não se mostram atrativas frente às modernidades do mundo contemporâneo. Os estudantes, de forma generalizada, estão condicionados a perceber a escola como *locus* de cobranças e cheio de regras, porém não conseguem enxergá-la como um ambiente propício a um aprendizado significativo, que servirá para suas vidas. São concepções deste tipo que devem ser extirpadas das e sobre as instituições de ensino.

Sabe-se que as ciências passam por mudanças ao longo do tempo, pois as sociedades ou grupos sociais estão sempre em processo constante de transformação e (re) construção. Assim sendo, o espaço e o tempo adquirem novas leituras, interpretações e dimensões de abordagem/estudo. Fato este que implica para o surgimento e uso de diferentes técnicas e métodos, que, por conseguinte auxiliarão para o levantamento e análise de dados e conteúdos respectivamente. A este respeito Venturi (2005) ressalta que:

(...) o uso das técnicas possibilita obter dados sobre a realidade que embasarão os caminhos percorridos pelo método. Se o método, que dispõe de fundamentação teórica, auxilia o sujeito na organização de seu raciocínio, as técnicas, por sua vez, auxiliam – no na organização das informações que o subsidiarão. Se teoria e método são processos desenvolvidos no plano do *pensar*, a técnica desenvolve – se no plano do *fazer*. (VENTURI, 2005, p. 13).

Independentemente do tipo de método e do tipo da técnica utilizados no processo de apreensão de dados com a finalidade da aquisição de um conhecimento até então não adquirido, afirma Castrogiovanni (2000, p.8) que o importante é que “(...) os professores criem condições de trabalho que favoreçam as diferentes estratégias cognitivas e ritmos de aprendizagem, para que o aluno aprenda de forma ativa, participativa, evoluindo dos conceitos prévios aos raciocínios mais complexos (...)” Os recursos metodológicos são importantes, porém, mais importante ainda é a capacidade de versatilidade e dinamismo do professor, no momento de utilização destes.

A aula recebe outros direcionamentos quando os recursos utilizados pelos professores materializam as teorias. Quando fala-se sobre temas que envolvem conceitos por exemplo, de territórios e segregação socioespacial e exemplifica-se com alguma imagem ou outro elemento que venha a facilitar o entendimento da teoria, o estudante interliga elementos

subjetivos (conceitos) com elementos percebidos (concretos), sendo que estes materializam-se de forma espacializada no interior da cidade.

As estruturas residenciais dos bairros campinenses servem de testemunho para exemplificar a situação apresentada anteriormente. Delimitou-se como recorte espacial as formas organizacionais das residências no bairro da Ramadinha, zona Oeste, e no bairro do Catolé, zona Sul, por se tratarem de bairros com materializações extremamente díspares. As Figuras 05 e 06, representam o padrão estrutural do bairro da Ramadinha, que possui ruas sem calçamento, sem esgotamento sanitário, construções residenciais irregulares, rede de iluminação pública precária, desprovido de áreas de lazer, elevados índices de violência, dentre outras mazelas que assolam a população residente nesta localidade.

Figuras 05 e 06: Estrutura de ruas e casas no Bairro da Ramadinha, Zona Oeste de Campina Grande.



Fonte: Alisson Clauber M. de Alencar, 2012.

Em oposição a esta realidade destacam-se ruas do bairro do Catolé, figuras 06 e 07, um dos bairros mais valorizados da cidade. Um dos principais contrastes comparando-o com o bairro da Ramadinha é expresso a partir das formas estruturais das residências, pois no Catolé existe a predominância de condomínios verticais, padrão este, que o diferencia da maior parte dos bairros da cidade. Outro fato que merece destaque são os atrativos urbes, como os shoppings e clubes (BNB, Campestre), além de sua localização privilegiada, numa área relativamente central e na entrada da cidade (quando se vem do litoral), ou seja, este bairro por uma série de fatores recebe uma atenção especial por parte do poder público.

Figuras 07 e 08: Estrutura de ruas e condomínios no Bairro do Catolé, Zona Sul de Campina Grande.



Fonte: Alisson Clauber M. de Alencar, 2012.

Os arranjos organizacionais que são confeccionados no interior da cidade, possuem autores e expectadores, em outras palavras, produtores e consumidores de territórios, lugares e paisagens, que dependo da área onde tais empreendimentos urbanísticos sejam instalados o solo urbe adquire *status* para uma seletividade socioespacial. O ambiente citadino é, por excelência, um *locus* de singularidades estruturais que são direcionadas para públicos específicos, ou seja, são repletas de intencionalidades. Bloomfield (2008) aponta que

Diferentes agentes entram, cotidianamente – às vezes em confronto, às vezes em consenso – no complexo jogo das imagens *das e nas* cidades: administradores, gestores, planejadores urbanos, profissionais de comunicação, acadêmicos, vendedores de todo tipo, artistas, cidadãos que a vivenciam ou o público em geral. (BLOOMFIELD, 2008, p. 764).

Para cada novo elemento inserido na paisagem, novas funcionalidades são acrescentadas e, por consequência, novas intencionalidades são produzidas por aqueles que as percebem, Bloomfield (ibidem, p. 765) discorre que “(...) a paisagem pode ser vista, modificada, usada, destruída, consumida, vendida e, também, causar prazer estético. Mais do que isto, ela é constitutiva das relações socioculturais, pois é, ao mesmo tempo, estruturada e estruturante”. Logo, a paisagem, deve ser considerada como um *locus* susceptível a reorganizações estruturais e simbólicas, além de ser também condicionadora de padrões de comportamentos por quem as vivifica, seus usuários.

As Figuras 09 e 10, respectivamente o Shopping Boulevard e Shopping Center Edson Diniz, são direcionadas para públicos específicos, localizam-se em lugares estratégicos no interior da cidade. A primeira é direcionada para camadas da população que possuem um maior poder aquisitivo, enquanto a segunda, que é conhecida como “Shopping Popular” é dirigida para outros grupos sociais da cidade.

Ambos os espaços comerciais possuem seus atrativos, porém, para uma análise mais significativa dos mesmos e dos seus públicos, é necessário se levar em consideração acessibilidade, tipos de comércios e serviços oferecidos, horários de funcionamento dentre outros fatores. Pois, estas características, também, contribuem para selecionar a clientela destes ambientes “públicos” inseridos intencionalmente em lugares estratégicos da cidade de Campina Grande.

Pelo simples fato de ser público, não necessariamente, os cidadãos campinenses de modo geral, possuem condições de usufruir destes ambientes de comércio, serviços e lazer. Camadas específicas da população desfrutam, em especial, do Shopping Boulevard, seja por morar próximo ao estabelecimento e/ou por possuir um poder aquisitivo que propicie tal condição. Os lugares, hoje, são produtos de consumo também, e por apresentarem tais características, são possuidores de intencionalidades que geram por consequência padrões de comportamentos por parte de seus usuários, consumidores.

Figura 09: Shopping Boulevard, localizado no Bairro do Catolé em Campina Grande.



Figura 10: Shopping Center Edson Diniz, localizado no Centro de Campina Grande.



Fonte: Alisson Clauber M. de Alencar, 2012.

Fonte: André L. S. Lacerda, 2011.

É necessário que no momento de análise e interpretação das paisagens sejam levados em considerações os elementos naturais, sociais e culturais, as ações pretéritas e contemporâneas e as características urbanas e rurais, além de se estabelecer a escala de abrangência (local, regional, nacional e global).

A paisagem geográfica de acordo com Duncan (2004) pode ser percebida como um texto e/ou discurso a ser interpretado/decifrado, porém, para cada novo elemento inserido na mesma, acrescentam-se novos significados, funções e intenções que quando mesclados com os elementos já existentes formam um discurso ordenado, possuidor de uma essência diferenciada das demais paisagens ao seu redor.

4 (RE) LEITURAS DO ENSINO DE GEOGRAFIA PELO PERCURSO DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO

Uma das maiores invenções do ser humano, no processo evolutivo tanto da espécie quanto das técnicas produtivas, é sem dúvida a cidade. Esta se apresentou ontem e apresenta-se ainda hoje, repleta de singularidades, de feições, de estruturas, de materializações, de funções e de sujeitos, que a produzem e a reproduzem cotidianamente. Porém, é importante destacar que, para cada elemento que é inserido neste espaço urbe, por conseguinte, ao mesmo, são atribuídas funcionalidades e intencionalidades, sendo estas proferidas individualmente pelos sujeitos que as vivificam, ou seja, que às experienciam.

As cidades possuem especificidades, são caracterizadas por elementos que as diferenciam uma das outras, dentre alguns macros elementos se podem citar, os habitantes, a cultura, a vegetação, localização e o clima. Mas, também no interior de seus limites, podem-se perceber outros elementos ou fenômenos que as caracterizam, como por exemplo, o traçado das ruas de determinado bairro, os tipos de comércios desenvolvidos, o estilo arquitetônico de praças e igrejas, as formas dos edifícios e das casas (que variam de um lugar para outro) e as cores utilizadas nestes.

A mescla destes elementos e fenômenos culminam na confecção das paisagens, que se materializam e se apresentam aos olhos dos sujeitos, sendo estes compreendidos neste estudo como produtor e ao mesmo tempo parte integrante da paisagem produzida, pois, é necessário no momento de análise da paisagem compreender as mutações introduzidas no ambiente e ao mesmo tempo as intenções a que estas se propõem. Besse (2006) aponta que

(...) a paisagem se deixa ver, mas, além do simples pitoresco, na ordem própria da visibilidade que a paisagem oferece, o ser humano, ao situar-se nela visualmente, nela descobre as dimensões do seu ser. A paisagem é ambiente, mas não círculo fechado: ela é desdobramento, ela é fundamentalmente um horizonte que se abre. (BESSE, 2006, p. 92).

Toda e qualquer paisagem deve ser observada sob a ótica de teorias que propiciem abstrações e interpretações que superem as do senso comum, assim sendo, podem se caracterizar como um valiosíssimo recurso metodológico para os profissionais, professores, da Ciência Geográfica.

É necessário que se instigue o indivíduo e ver o mundo a partir de teorias e práticas voltadas para apreensão de sua realidade. Vislumbrando-se, também, perspectivas e análises

em níveis mais elevados, correlacionando variados estudiosos e seus pontos de vista a respeito das paisagens, das cidades e dos sujeitos produtores e integrantes destas.

4.1 A cidade de Campina Grande e suas múltiplas paisagens

A cidade de Campina Grande possui características urbanas, ambientais, econômicas, sociais e culturais específicas a seu interior, ou seja, em sua jurisprudência territorial e administrativa. Universidades, escolas, fábricas, *shoppings*, lojas, supermercados, igrejas, museus, parques, praças, teatros, agências bancárias, condomínios (horizontais e verticais), hospitais, açudes, canais, estádios de futebol, restaurantes, bares, hotéis, pousadas, feiras, clubes, casas de shows, viaduto, aeroporto, terminais rodoviários, sistemas de transportes públicos, monumentos arquitetônicos históricos, dentre outros elementos, compõem o mosaico paisagístico da referida cidade.

Santos (2006, p. 209) ressalta que “Enquanto novos objetos se instalam (...) em algumas áreas urbanas, na maior parte da aglomeração permanecem objetos herdados representativos de outras épocas.” Mesclam - se elementos do passado com os do presente, porém, as formas de apreensão e percepção destes componentes pelos transeuntes, (estudantes, professores e cidadãos comuns) que se inserem e transformam as paisagens no interior da cidade, são as mais diversas possíveis, sendo esta multiplicidade de interpretações de um mesmo elemento um dos pontos chave deste estudo.

É mister o desenvolvimento de uma percepção crítica cotidiana das paisagens que compõem o panorama da cidade de Campina Grande por parte daqueles que produzem e modificam continuamente o referido cenário, discentes, docentes, trabalhadores (cidadãos). Tal proposta possui como alicerce para aquisição deste conhecimento as práticas vividas no cotidiano, a partir das experiências construídas, vivenciadas e percebidas nos diferentes níveis hierárquicos que constituem o ambiente urbano: casas, prédios, condomínios, ruas, quarteirões, bairros, zonas e por fim a cidade.

Neste estudo se discute, em especial, a importância do conceito/categoria paisagem no ensino de geografia, evidenciando características e estruturas das paisagens da cidade de Campina Grande, a fim de estabelecer relações do passado com o presente, do urbano com o rural e do local com o global, tendo por intuito aproximar a teoria apresentada e construída em sala de aula com fatos e elementos presenciados e vividos no cotidiano dos estudantes

(construções irregulares, condomínios horizontais e verticais, pichações, grafites, relações sociais, consumo, etc.).

A mediação pedagógica geográfica juntamente com o despertar de uma visão crítica das estruturas e práticas urbanas pode propiciar a formação/construção de conceitos e categorias da ciência geográfica no âmbito escolar, para tanto é necessário que o professor esteja munido de metodologias e provocações que possam vir a instigar o desenvolvimento deste processo de aquisição e construção do conhecimento.

Campina Grande apresenta-se para seus cidadãos a partir de diferenciados arranjos e rearranjos estruturais e paisagísticos mostrando desigualdades sociais, urbanísticas e culturais que se expressam das mais variadas formas, a partir de tais acepções lembra-nos Santos (1982, p. 38) que a “paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos. Para cada lugar, cada porção do espaço, essa acumulação é diferente: os objetos não mudam no mesmo lapso de tempo, na mesma velocidade ou na mesma direção”. Por consequência destes fatos as paisagens urbanas nos são apresentadas a partir de processos evolutivos que não se dão de maneira uniforme, ou seja, não chegam com a mesma intensidade em todos os lugares ou paisagens.

Os estudantes necessitam de uma educação que venha a esclarecer as funcionalidades dos conteúdos apresentados pelos professores para terem um real interesse no aprendizado. A partir do momento em que se desperta nos educandos a importância prática que os conteúdos possuem, factualmente, nem que de forma ínfima, instigam-se os mesmos a refletir e perceber com outros olhares, o profissional, o conteúdo e por consequência as paisagens e lugares que o cercam.

A interpretação da realidade, expressa a partir dos diversos olhares das paisagens estruturantes e constituintes da cidade, proporciona um papel significativo na formação do estudante crítico, pois, despertará novas concepções e novas maneiras de pensar e de agir, seja nos lugares de seu convívio cotidiano ou nos lugares frequentados esporadicamente.

Perceber as paisagens que a cidade oferece, com outras perspectivas, possibilita aos discentes novas interpretações, que quando mescladas com um embasamento teórico, propicia um alicerce sólido para a construção do conhecimento e, por conseguinte ou acréscimo novas posturas e ações para com o meio, o lugar, a paisagem vivificada.

No que atende a tais questões Rocha (2007, p. 24) ressalta que “o fato de que cada visão do mundo é única, pois cada pessoa habita, escolhe e reage ao meio de diferentes

maneiras, influenciadas pelos seus sentimentos, visões particulares, e, sobretudo, contemplando as paisagens com suas imagens particulares (...).” Da mesma forma que as paisagens são singulares as apreensões e compreensões também serão.

4.2 Intencionalidades, funcionalidades e simbolismos das paisagens de Campina Grande

As paisagens apresentam-se simétricas ou assimétricas, porém, independentemente de sua aparência, elas possuem uma essência particular, ou seja, um texto e/ou discurso a ser decifrado, sendo esta, a real informação constituída por acumulações históricas, ideológicas, culturais e estruturais. Porém, para cada sujeito esta ‘essência’(significado) da paisagem se apresentará de maneira única, pois, todos os indivíduos a percebem com variadas intencionalidades, capacidade que é inerente a cada sujeito. A este respeito Duncan *apud* Claval (2011) discorre que

A paisagem é um texto cuja linguagem é aquela das formas construídas que é lida explicitamente ou apreendida subconscientemente por aqueles que vivem e trabalham em sua presença. (...). A leitura que fazem os cidadãos de um texto paisagem pode constituir uma atividade consciente, articulada; quer dizer que pode constituir para empregar a formula de Giddens, “um conhecimento discursivo”, ou pode tomar, mais comumente, a forma de um “conhecimento prático”, uma espécie de compreensão tácita, não articulada, entre os participantes num sistema cultural. (CLAVAL, 2011, p. 236/237).

A paisagem geográfica estrutura-se a partir de processos que se sucedem no decorrer do tempo, Santos (2006, p. 67) expressa que “A paisagem se dá como um conjunto de objetos reais-concretos. Nesse sentido a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal.” Na cidade de Campina Grande, como em tantas outras, pode-se perceber estruturas (residências, elementos arquitetônicos, fábricas, dentre outros) que resistiram aos processos temporais e mesclam-se aos novos padrões e estilos arquitetônicos da contemporaneidade, promovendo as singularidades paisagísticas nos dias que se seguem.

A Figura 11 apresenta os prédios da atual Secretária de Administração e Finanças da cidade (à esquerda) e a Biblioteca Municipal Félix Araújo (à direita), ambos localizados na Avenida Floriano Peixoto. No primeiro plano, a imagem superior, é do ano de 2012, já a imagem inferior, é do ano de 1957. Os dois edifícios, já passaram por reformas e no decorrer

do processo da utilização dos mesmos, várias funcionalidades já foram atribuídas. No prédio da Biblioteca Central, funcionaram a Prefeitura e a Câmara de Vereadores da cidade e no prédio da atual prefeitura já funcionou o Grande Hotel e após o seu fechamento as dependências deste empreendimento foram anexadas para abrigar diversos órgãos da prefeitura e nos dias que se seguem, funcionam a SEFIN (Secretaria de Administração e Finanças).

As rugosidades são expressas a partir de formas de tempos pretéritos que resistiram as novas tendências estruturais que a sociedade produz, Santos (2006) discorre que as rugosidades são expressões de tempos passados materializadas nas formas do presente.

Figura 11 – Rugosidades presentes no Centro de Campina Grande.



Fonte: Alisson Clauber Mendes de Alencar, 2012; CGRetalhos, 2012, adaptado.

Os sujeitos, no momento da percepção e/ou observação de uma determinada paisagem, conferem a mesma, pré-conceitos e significados que em alguns casos são proferidos apenas a partir das estruturas, ou seja, do que é aparente. Porém, para que a informação principal seja abstraída, o “ver” deve está carregado de inferências, que serão confirmadas ou refutadas com uma análise aprofundada dos processos sócio-espaciais que resultaram na confecção da referida paisagem.

Percorrido este procedimento metodológico de análise, dá-se o primeiro passo em direção à verdadeira mensagem intrínseca a paisagem percebida. O olhar nos lança para o significado aparente, exterior, porém, o ver/perceber nos apresenta o significado real, interior ao ambiente, paisagem ou lugar analisado.

A paisagem é considerada um instrumento essencial de leitura e de aprendizagem no ensino da Geografia. Acredita-se que seja importante desenvolver, nas crianças e nos adolescentes, a capacidade de compreensão das diferentes paisagens, reconhecendo seus elementos, sua história, suas práticas sociais, culturais e suas dinâmicas naturais, assim como a interação existente entre eles. (PUNTEL, op. cit., p. 285/286).

A paisagem deve ser apresentada ao estudante, como um livro a ser interpretado e/ou como uma mensagem a ser decodificada. Cada marca presente em sua estrutura é dotada de intencionalidades e funcionalidades, sendo estas situações investigadas nos estudos da Ciência Geográfica, o que caracteriza tais apontamentos fundamentais para a interpretação das transformações espaciais, e por consequência das mutações paisagísticas.

As paisagens, a partir da inserção dos produtores e/ou atores hegemônicos (grandes empresas/grupos), nos apresentam uma pseudo – “aparência homogeneizante”, materializadas com a disseminação de construções e empreendimentos em lugares estratégicos para a divulgação de tal ideia.

As paisagens se edificam a partir de movimentos diferenciados que consolidam sua estrutura, porém, para cada impressão expressa nas paisagens surgem intencionalidades que por sua vez geram funcionalidades para aqueles que a desfrutam continuamente, os transeuntes, cidadãos, consumidores de lugares.

O mosaico estrutural urbano campinense se apresenta aos olhos de seus transeuntes com um significado, um propósito, materializado em condomínios (horizontais e verticais), museus, teatros, construções irregulares, e toda uma gama de comércios e serviços que são ofertados no interior da cidade, dentre outros elementos que constituem o cenário urbano da

maior parte das cidades médias do país. Cada indivíduo percebe e usufrui destes elementos a partir de óticas específicas, singulares.

Para uma análise significativa vem a ser necessária a apreensão da aparência, materializada nas formas e estruturas da paisagem, objeto ou fragmento observado, para tanto, é mister, que se façam inferências daquilo que está explícito aos nossos olhos. No tocante a tal afirmação Silva (2000) discorre que

Na contemplação (a observação) o estético é momento do “ver” a forma que, de qualquer modo, já é espaço – tempo vivido. A paisagem possui uma legalidade como dado, que o “ver” diferencia ou não. E há que considerar a velocidade. E, com ela, os fragmentos. Por isso, a paisagem não é o todo, mas pedaços do todo que a reificação do olhar gasto não identifica. (SILVA, 2000, p. 16).

No ato da percepção das estruturas urbanas, materializadas e estáticas, temos o fragmento de um todo maior e interligado por conexões que se apresentam, em alguns casos, maquiadas por elementos que tendem a encobrir a real funcionalidade de determinada paisagem e/ou lugar no cenário citadino, sendo que tal funcionalidade é direcionada para públicos específicos que usufruem e consomem conseqüentemente as paisagens e os lugares privilegiados da/na cidade.

O fenômeno da percepção, pelo fato de ocorrer de forma instantânea está sujeito a readaptações nas quais serão levadas em consideração análises detalhadas do objeto/lugar/paisagem percebida. Com isto, os processos cognitivos se adequarão ao grau de apreensão do sujeito, tendo como suporte para o desenvolvimento do raciocínio do observador a intencionalidade a qual ele se propõe.

As inferências proferidas pelos indivíduos no momento da percepção de determinado objeto ou fenômeno são singulares, pois, cada sujeito olha, decodifica e compreende o mundo a sua volta de forma singular. Qualquer indivíduo, no momento em que se depara analisando determinada paisagem, pode se sentir atraído numa maior intensidade pelas suas cores, pela sua estrutura/forma, pelo seu cheiro, pelos sons que ela possui. Estes aspectos, percebidos através dos sentidos, podem despertar sensações positivas e/ou negativas no observador.

(...) cada indivíduo vê, ou melhor, percebe a realidade de forma diferente, sendo cada ideia sobre esse espaço composta de uma consciência baseada em experiências pessoais, aprendizados, imaginação, memória, fatos que tornam o mundo e o espaço geográfico idiossincrático a partir das percepções humanas sobre ele, mas que, no entanto, não invalidam a afirmação de que todos os seres humanos compartilham de determinadas percepções comuns tendo em vista a vivência em um mundo comum. (ROCHA, 2007, p. 23).

No tocante a estas concepções sobre mundo vivido, Relph (1979, p. 3) destaca que este é repleto de “(...) de ambiguidades, comprometimentos e significados no qual estamos inextricavelmente envolvidos em nossas vidas diárias (...)”. Os elementos, por natureza, nos propõem dualidades que dependendo da flexibilidade perceptiva e cognitiva dos indivíduos, ao se analisar determinada paisagem, sob certa perspectiva, ela pode nos apresentar aspectos positivos a respeito de sua estrutura, porém, pode deixar muito a desejar a respeito de sua funcionalidade. Assim sendo, a partir destes apontamentos pode-se afirmar que as paisagens urbanas, se nos permitem a expressão, são elementos camaleônicos, se adaptam as cognições de seus observadores.

4.3 Das materializações as essências: uma análise fenomenológica da paisagem geográfica de Campina Grande

A localização de determinado elemento no interior da cidade é estipulada por intenções das mais variadas. Porém, dependendo do elemento que venha a ser construído, ao mesmo proferem-se funcionalidades diversas, o que corrobora para utilizações e concepções singulares de elementos que já possuem em sua essência direcionamentos pré-estabelecidos por aqueles que os produziu.

As paisagens são construídas a partir de intenções, mas independentemente destas, cada sujeito que as observa está condicionado a vê-la de acordo com seus interesses. Meinig (2002, p. 35) explicita que “(...) qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente dos nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes.” Para se chegar o mais próximo possível da essência das estruturas que se materializam no espaço urbano no decorrer do tempo, é necessária uma análise acurada dos fenômenos e processos que condicionaram tais transformações, além também de, se levar em consideração as inferências e especificidades que cada sujeito possui, cada abstração realizada pelo sujeito é

ímpar. Logo, tal aspecto corrobora para interpretações singulares das mesmas paisagens por diferentes indivíduos.

O que se apresenta e/ou é visto pelo indivíduo, possui sua gama de importância para compreensão da realidade vivida, mas não necessariamente deve-se estagnar ou limitar o conhecimento de determinado fragmento espacial, pautado apenas nas materializações. Estas devem ser transpostas, pois o que é de cunho primordial para a compreensão da realidade geográfica, em alguns casos ou na maioria destes, está para além do que é percebido, e para se chegar ao real conhecimento deve-se partir do princípio da experiência (do objeto, do fragmento espacial, do fenômeno), sendo esta a concepção defendida pelo método fenomenológico. Christofolletti (1985) destaca que

A fenomenologia preocupa-se em analisar os aspectos essenciais dos objetos da consciência, através da supressão de todos os preconceitos que um indivíduo possa ter sobre a natureza dos objetos, como os provenientes das perspectivas científica, naturalista e do senso comum. Preocupando-se em verificar a apreensão das essências, pela percepção e intuição das pessoas, a fenomenologia utiliza como fundamental a experiência vivida e adquirida pelo indivíduo. (1985, p. 22).

O que é percebido é, por consequência, constituído de fragmentos de veracidade mesclados com apreensões imagéticas condicionadas ao foco que o observador conscientemente estipula para analisar determinado fragmento espacial ou determinada paisagem.

Para que se possa chegar a real essência (significado) que as paisagens possuem, vem a ser necessária a realização de macro e micro análises, ou seja, é imprescindível o estabelecimento de apreciações que possam abarcar o todo e as partes, compreendendo-se neste processo a gênese ontológica (natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres e das coisas/objetos/estruturas) que as paisagens nos proporcionam. Utilizando-se tais artificios, ultrapassa-se a percepção aparente, chegando ao real significado/informação inerente a paisagem observada.

As alterações nas paisagens são as principais características visíveis que denunciam a forma como, na maioria dos casos, os atores hegemônicos adéquam e transformam os arranjos espaciais, materializados a partir das estruturas paisagísticas, localizadas intencionalmente nos lugares que venham a proporcionar um maior destaque para tais empreendimentos. Estas novas tendências disseminam-se para distintos lugares, sendo que suas finalidades são

estranhas a quem por consequência as utilizará, ou simplesmente as percebe. As estruturas e as paisagens possuem lógicas e diretrizes que estão para além de suas aparências.

A cidade proporciona e impõe a seus habitantes estas inserções estruturais materializadas, a partir de funções simbólicas ou mercantis, em pontos isolados de suas paisagens urbanas, relegando a um segundo plano melhorias essenciais que servem, primordialmente, a maior parte da população, os desprovidos de decisões e internalizadores de ações.

As paisagens, a partir destas concepções, apresentam-se aos indivíduos como fenômenos a serem experienciados para se poder compreender as reais intencionalidades, que não podem ser percebidas apenas nas materializações, sendo necessário a transcendência destas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ciência Geográfica pode e deve ser nutrida com novas abordagens, novas formas ou métodos de análises da realidade, para que seus profissionais da educação possam ter outros recursos, além dos existentes, que fomentem o despertar de um aprendizado efetivo dos conteúdos, conceitos e categorias da Geografia.

Apenas explicar os conceitos e categorias geográficas não é o suficiente para a atual realidade das instituições de públicas de ensino brasileiras, temos que apresentar funcionalidades para despertarmos uma aquisição/construção efetiva do que realmente se trata a Geografia, juntamente com o esclarecimento do seu objeto de estudo, que vem a ser a vida em sociedade e suas inferências e relações com a natureza.

Quando os professores possuem um domínio de conceitos e passam a utilizar metodologias adequadas para a construção do conhecimento destes por parte dos discentes, o estudo das categorias geográficas ultrapassam os muros da escola, e recebem novas concepções e, ao mesmo, é atribuído significados dos mais variados, pois, os estudantes passam a perceber as estruturas, formas e elementos simbólicos do seu convívio cotidiano munindo-se, nem de que forma ínfima, de um cabedal teórico, que possui por excelência o objetivo de propiciar uma base sólida para se desenvolver de uma reflexão crítica da realidade vivificada.

Logo, o referido estudo vem a destacar a importância do uso do mundo vivido e da paisagem percebida para o processo de desenvolvimento do conhecimento geográfico pelos educandos. Ressaltando, também, que para a consumação deste processo, o professor leve em consideração as paisagens cotidianas percebidas pelos discentes. Estreitando, assim, as conexões entre o conhecimento empírico (dos discentes) e o conhecimento científico (dos livros).

O objeto de estudo desta pesquisa (a paisagem urbana de Campina Grande) nos apresenta uma gama de características singulares que se relacionam entre si confeccionando uma rede interna de desigualdades estruturais que, conseqüentemente, constituem o mosaico paisagístico campinense. Portanto, é imprescindível, análises do todo (global) e das partes (local), do natural e do social, do resultante e do determinante para que se tenham resultados significativos e expressivos das interpretações evidenciadas a partir da leitura das paisagens.

6 REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALES BELLO, Angela. **Introdução à fenomenologia**. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: Edusc, 2006.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BLOOMFIELD, Tânia Bittencourt. **Paisagens urbanas e lugares: uma abordagem de geografia cultural para a intervenção urbana polaroides (in) visíveis**, de Tom Lisboa, em Curitiba. *In: 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Panorama da Pesquisa em Artes Visuais*. Florianópolis, p. 764-774, 2008.

BOLIGIAN, Levon. **A cartografia nos livros didáticos e programas oficiais no período de 1824 a 2002: contribuições para a história da Geografia escolar no Brasil**. 221 f. Tese de Doutorado. UNESP - Rio Claro : [s.n.], 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A geografia brasileira, hoje: algumas reflexões**. *In: Terra Livre*, São Paulo, ano 18, v. 1, n. 18, jan./ jun. p. 161-178, 2002.

CASTELLAR, S; VILHENA, J. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage, 2009.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. São Paulo: Papirus, 2008.

CGRETALHOS. **Imagem da Avenida Floriano Peixoto em 1957**. Disponível em <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/>>. Acesso em 10 de Set. de 2012.

DUNCAN, James. A Paisagem como sistema de criação de signos. *In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (orgs). Paisagens, Textos e Identidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 91-132.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. As perspectivas dos estudos geográficos. *In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). Perspectivas da Geografia*. 2. ed. São Paulo: Difel, 1985.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Tradução Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2011.

LISBOA, Severina Sarah. **A importância dos conceitos da geografia para a aprendizagem de conteúdos geográficos escolares**. In: Revista Ponto de Vista. UFV – MG . vol. 4, n. 4. p. 23-35, 2007.

MACIEL, Caio Augusto Amorin. **Morfologia da paisagem e imaginário geográfico: Uma Encruzilhada Onto-Gnoseológica**. In: GEOgrafia, Universidade Federal de Pernambuco, n. 6, p. 99-117, 2001.

MEINIG, Donald W. **O olho que observa: dez visões sobre a mesma cena**. In: *Espaço e cultura*, UERJ, n. 13, jan./jun. p. 35-46, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T.. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Lyda; CACETE, Nuria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

PUNTEL, Geovane Aparecida. **A paisagem no ensino da Geografia**. In: *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 283-298, 2007.

RELPH, Edward. **As bases fenomenológicas da geografia**. In: *Geografia*, v. 7, n. 4, p. 1-25, abr. 1979.

ROCHA, Samir Alexandre. **Geografia Humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo**. In: *RA'E GA*, Curitiba, Editora UFPR, n. 13, p. 19-27, 2007.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1988.

_____. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

SCHIER, Raul Alfredo. **Trajetórias do conceito de paisagem na geografia.** *In:* Revista RA'E GA, Curitiba, Editora UFPR, n. 7, p. 79-85, 2003.

SERPA, Angelo. **Parâmetros para a construção de uma crítica dialético-fenomenológica da paisagem contemporânea.** *In:* Revista Formação, v. 2, n. 14, p. 14-22, 2007.

SILVA, Armando Corrêa da. **A aparência, o ser e a forma.** *In:* GEOgrafia, Universidade Federal de Pernambuco, v. 2, n. 3, p. 7-25. 2000.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

VENTURI, Luis Antonio. B. O papel da técnica no processo de produção científica. *In:* VENTURI, L. A. B. (Org.). **Praticando Geografia: técnicas de campo e laboratório.** São Paulo: Oficina de Textos, Cap. 1. p. 13-18, 2005.